

Estado da publicação: O preprint foi publicado em um periódico como um artigo
DOI do artigo publicado: <http://doi.org/10.1590/1983-682120211410>

RUA DA ALFÂNDEGA, 123: UM ESQUECIDO ENDEREÇO DOMICILIAR DE MACHADO DE ASSIS?

Marcelo Pacheco Soares

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.2033>

Submetido em: 2021-03-23

Postado em: 2021-04-05 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

RUA DA ALFÂNDEGA, 123:
UM ESQUECIDO ENDEREÇO DOMICILIAR DE MACHADO DE ASSIS?
ALFÂNDEGA STREET, 123:
A FORGOTTEN HOME ADDRESS OF MACHADO DE ASSIS?

Marcelo Pacheco Soares*

Resumo: Muitos endereços em que viveu Machado de Assis são conhecidos por seus biógrafos, mas parece provável que outros estariam ainda incógnitos. A partir da descoberta de um registro em jornal da época, essa pesquisa busca averiguar se o escritor teria habitado em 1867 na rua da Alfândega 123. Na falta de outras evidências diretas, buscam-se informações paralelas que possam vir a desmentir o dado, o que não encontrou resultado que o desabonasse. Além disso, procede-se a uma investigação sobre o imóvel, a fim de compreender sua planta e verificar se o prédio ainda existe no Rio de Janeiro atual. Por fim, o logradouro é relacionado com uma passagem da obra narrativa machadiana.

Abstract: Many addresses where Machado de Assis lived are known to his biographers, but it seems likely that others are still unknown. From the discovery of a record in a newspaper at the time, this research seeks to ascertain whether the writer would have inhabited Rua da Alfândega 123 in 1867. In the absence of other direct evidence, parallel information is sought that could disprove the data, without result that disappointed him. In addition, an investigation is carried out on the property, in order to understand its plan and check if it still exists in Rio de Janeiro today. Finally, this space is related to a passage from Machado's narrative work.

Palavras-chave: Machado de Assis; Endereços residenciais; Geografia urbana de Rio de Janeiro no século XIX; Hemeroteca da Biblioteca Nacional; Narrativa machadiana.

Key words: Machado de Assis; Home addresses; Urban geography of Rio de Janeiro in the 19th century; Periodicals room of the Biblioteca Nacional; Machado's narrative.

“Perdoa estas minúcias. A ação podia ir sem elas, mas eu quero que saibas que casa era, e que rua...”

(Machado de Assis,
Esau e Jacó)

Desde que, em julho de 2012, a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro disponibilizou virtualmente o acervo que conserva de jornais, revistas e outras publicações em série, rico sobretudo no que se refere à cidade em que mantém sede, largas possibilidades de pesquisa foram dinamizadas, em função da facilidade do acesso a essa sua hemeroteca. Com isso, preciosidades esquecidas de nossa história, que década após década estiveram guardadas pelas páginas de periódicos que circularam em séculos anteriores, especialmente os XIX e XX, vêm sendo resgatadas com mais eficiência do que seria antes possível. E o instrumento quiçá tenha ganhado específica importância nos anos de 2020 e 2021,

* Professor efetivo do IFRJ, Doutor (2012) e Mestre (2007) em Literatura Portuguesa pela UFRJ, com Pós-Doutorado (2015-2016) em Estudos Literários pela UFF. ORCID: 0000-0003-0409-7789

em razão das condições de confinamento a que nos obrigamos (por razão que é escusado reforçar, porque esta, talvez, não desapareça de uma memória coletiva das mais próximas futuras gerações da humanidade — ao contrário dos fatos pretéritos de que aqui trataremos agora — cuja consequência é justamente essa necessidade sanitária de priorizar as pesquisas realizadas de forma remota).

Eis que uma investigação sobre o escritor brasileiro Machado de Assis, não com pouca justiça considerado por muitos o nome maior de nossas letras, encontra alguns episódios que não poderíamos considerar descobertas (porque afinal foram registrados em algum momento nessas linhas midiáticas há muito impressas), mas classificar como resgates acerca das suas trajetórias artística, civil e pessoal. É o caso de textos críticos e literários que não constavam de sua obra completa e foram bastante recentemente trazidos de volta à luz pelos pesquisadores Alex Sander Luiz Campos e José Américo Miranda¹, Cristiane Garcia Teixeira², Felipe Pereira Rissato³ e Wilton José Marques⁴, por exemplo, bem como fotografias ou mesmo recepções críticas à sua produção feitas à época por outros autores e leitores especializados — como os conselhos que lhe dirigiu Joaquim Manuel de Macedo para que se dedicasse aos estudos a fim de se tornar o grande escritor que seus primeiros escritos prometiam [ANEXO I]. Seria esse também o caso de passagens de sua vida, tais quais as ocasiões em que foi convocado a compor júri pela justiça carioca e os proclamas de seu matrimônio com Carolina Augusta Xavier de Novaes um mês antes da cerimônia [ANEXO II] ou ainda uma mais específica ocorrência, de 1893, em que prestou queixa contra furto à sua residência por um criado, que surrupiara, entre outras coisas, um

¹ Os investigadores trouxeram a conhecimento uma perda crítica do autor sobre o livro *Procelárias*, de Magalhães de Azeredo, publicada no *Jornal do Commercio* em 1898.

² A pesquisadora identificou uma não assinada biografia de D. Pedro II, publicada em 1859 na revista *Espelho*, cuja autoria argumenta em favor de Machado de Assis, em artigo inteligentemente intitulado “M’achado biógrafo”.

³ O investigador encontrou uma crônica apócrifa, numa edição da revista *Luso-Brasileira* de 1860, que versa sobre a morte da mãe na infância; cotejando com outros textos do escritor e dados biográficos conhecidos, busca demonstrar a autoria machadiana.

⁴ O pesquisador encontrou referências entre 1858 e 1860, no *Correio Mercantil*, a um livro de poemas de Machado de Assis que estaria por ser publicado e teria mesmo sido impresso pela tipografia Francisco de Paula Brito, mas cuja existência se desconhece até a atualidade; além disso, no mesmo jornal, identificou um poema de 1856 que não consta nas coletâneas do autor e que passou a figurar como a mais antiga publicação sua de que se tem notícia.

relógio de ouro com a sua inicial e a da esposa [ANEXO III] — todos eventos episódicos que citamos como pequena amostragem do que é potencialmente descortinável acerca da biografia do escritor.

Endereços machadianos

Aliás, a morada em que foi vítima desse delito citado por último é a sua mais famosa: trata-se do sobrado já hoje inexistente (e o edifício construído em seu lugar enverga o nome do romancista e mantém uma placa indicando que ele viveu naquele espaço) que fora alugado na Rua do Cosme Velho, mais precisamente o “chalé de n.º 14⁵, pertencente por herança à viúva do conde de São Mamede, morto em 1872, e que se tornara esposa de [Miguel de] Novais [irmão de D. Carolina e, por conseguinte, cunhado de Machado] em 1876” (MOUTINHO; ELEUTÉRIO, 2009, 219), imóvel para o qual o casal se mudara em 1884 e onde iria viver até que cada um falecesse (ela em 1904 e ele em 1908). Foi em menção a esse logradouro que o escritor ganhou a alcunha de Bruxo do Cosme Velho, não se pode (ao menos até agora, quiçá o seja em algum momento) precisar quando, mas que, segundo ideia generalizada, teria relação com o caldeirão que usava no quintal para queimar papéis.

Para além desse, muitos endereços de Machado de Assis são conhecidos, com maior ou menor precisão, desde o seu nascimento em 1839, sem contar outros que se espera possam ainda ser descobertos. Como se sabe e corroboram diversas de suas biografias, ele viveu a primeira infância na Ladeira do Livramento, habitou depois o bairro de São Cristóvão (Rua São Luiz Gonzaga 48), dividiu no início da juventude moradia com o amigo Francisco Ramos Paz na Rua de Matacavalos (portanto em algum ponto entre Santa Teresa e o Estácio) e, após o casamento, passou pela rua dos Andradas (Lapa), é suposto que a D. Luiza

⁵ A citada notícia do furto informa o número 18 para o sobrado de Cosme Velho; registros diversos, porém, tais como os do *Almanak Administrativo, Mercantil, e Industrial do Rio de Janeiro* — mais conhecido como *Almanaque Laemmert* (publicação anual que trazia endereços comerciais e residenciais dos habitantes do Rio de Janeiro entre 1844 e 1889) — e a própria identificação do escritor em carta a Domingos Lourenço Lacombe confirmam o número 14. O fato é que o endereço mudou para 18 em algum momento no princípio da década de 1890, numa reorganização municipal.

(Glória)⁶ e, na sequência, a Santa Luzia (Centro)⁷, a das Laranjeiras (bairro homônimo), a do Catete (idem), talvez a Marquês de Abrantes (Flamengo)⁸, até enfim, depois de algum planejamento — e, conta-se, benevolência da amiga proprietária que lhe cobrou baixo aluguel — alcançar o almejado Cosme Velho, em que se estabelece em definitivo.

Dos períodos de sua vida, nossa atenção se volta aos anos 1860. Sobre essa década, em biografia de 1936 intitulada *Machado de Assis (estudo crítico e biográfico)*, um dos pioneiros trabalhos a se debruçarem sobre a vida do escritor e que tem a suposta vantagem⁹ de consultar testemunhas oculares — isto é, que com ele conviveram (ou, em segunda instância, conviveram com aqueles que com ele conviveram) — especula a ensaísta Lucia Miguel-Pereira:

⁶ Segundo Sergio Paulo Rouanet, em apresentação à exaustiva pesquisa acerca da correspondência machadiana organizada por Irene Moutinho e Sílvia Eleutério e coordenada por ele, “na carta de Gonçalves Crespo, de 6 de junho de 1871, há duas anotações de endereços no envelope: o endereço sobrescrito por Crespo – rua de D. Luísa; e uma anotação justaposta ao sobrescrito, de mão desconhecida, em lápis de cor azul e letras graúdas, indicando — Santa Luzia 54. Tradicionalmente entre os biógrafos de Machado, não há registro de que tenha morado na rua de D. Luísa (atual Cândido Mendes). Segundo o consenso, no ano de 1871, ele morava na rua dos Andradas 119. Desse ponto de vista, um possível equívoco que resultasse na troca de Santa Luzia por D. Luísa estaria descartado, porque Machado e Carolina só teriam se mudado para a rua de Santa Luzia 54 em 1873. Surgem então algumas hipóteses. A primeira é que, apesar dos biógrafos, o casal morou na rua de D. Luísa neste período. A segunda é que Machado e Carolina moravam na rua de Santa Luzia antes de 1873, e a anotação justaposta seria apenas uma retificação do endereço. A terceira é que a carta, embora de 1871, só tenha chegado a seu destinatário muito depois, quando este já morava em Santa Luzia 54.” (ROUANET, 2009, 14)

⁷ No local, foi erigido o prédio em que funciona hoje o Tribunal de Contas do Município do Rio de Janeiro, motivo pelo qual, em 2008, foi também descerrada ali uma placa indicativa de que Machado de Assis e Carolina (ali, imperdoavelmente registrada sem sobrenome) moraram naquele espaço.

⁸ Ainda segundo Rouanet, “em carta de 27 de maio de 1883, Miguel de Novais afirma: ‘Diz-me a Carolina em uma carta que me escreveu ultimamente que já têm casa na rua do Marquês de Abrantes.’ Neste caso, a expressão *ter casa* deve ser interpretada no sentido de ‘conseguir uma casa’. A dúvida de Miguel não é se Carolina e Machado mudariam, mas se já teriam efetuado a mudança. A ida para a rua Marquês de Abrantes estava definida, mesmo que não houvesse materialmente ocorrido, tanto que conclui a respeito dos mosquitos que atormentavam as redondezas da nova casa: ‘Oxalá que a casa que vai ocupar ou que já deve estar ocupando esteja isenta dessa praga.’ Como um acordo de aluguel nesse tempo não se revestia de grandes formalidades legais, pois muitas vezes bastava que locador e locatário ajustassem as condições e estava feito o negócio, é possível que o casal tenha residido ali nesse ano de 1883 até a transferência para o Cosme Velho no início de 1884.” (ROUANET, 2009, 15)

⁹ Jean-Michel Massa, em *A juventude de Machado de Assis*, contesta que esse seja um fator necessariamente vantajoso: “Estes biógrafos se apoiavam, com frequência, no testemunho de pessoas que haviam, ainda muito jovens, conhecido o escritor no final de sua vida; estariam habilitados a falar de sua infância, passados cinquenta ou sessenta anos?” (MASSA, 1971, 4)

Mais ou menos ao tempo da sua entrada para o Diário [do Rio de Janeiro, periódico em que trabalhou desde março de 1860 até abril de 1867] deve Machado, melhorados os seus recursos financeiros, se ter mudado de S. Cristóvão para o centro da cidade, indo provavelmente morar com Ramos Paz.

Com efeito, o bibliófilo português contava ter morado muitos anos com Machado de Assis; ora, tendo este se casado em 1869, e havendo aquele residido em Petrópolis até 1860, só entre 1860 e 1869 podem eles ter habitado a mesma casa. (MIGUEL-PEREIRA, 1936, 95)

A informação, contudo, seria imprecisa nessa hipótese mais larga, que aposta em janela temporal maior a generalizar e reduzir a um só o local onde vive o escritor nos anos 1860. Certo é que não habitou Machado na companhia de Ramos Paz até o dia do seu casamento e, portanto, ao menos uma residência intermediária entre Matacavalos e Andradas há de haver. Tal contestação fazemos, esclarece-se, tomando por base a valiosa organização da sua correspondência completa, editada a partir de 2008 por Moutinho e Eleutério, investigação já por nós referenciada. A pesquisa traz em seu Tomo I exatamente o volume referente aos 1860 e indica que Machado residira com Ramos Paz “[n]o início dos anos 60, [quando] ambos moraram num sobrado da Rua Matacavalos” (MOUTINHO; ELEUTÉRIO, 2008, 305-6) — via batizada em 1865 como Rua do Riachuelo, conforme se mantém até hoje, em homenagem a vitória brasileira em batalha naval na Guerra do Paraguai; mesma área da cidade, nobre à época, em que o autor alocaria os personagens de *Dom Casmurro*, escrito quase quarenta anos mais tarde. Pois eis que identificamos aí missiva do escritor ao amigo datada de primeiro de maio de 1869 (segundo concluem Moutinho e Eleutério), cerca de seis meses antes do matrimônio portanto, na qual ele, a evidenciar que não divide morada com o remetente, escreve:

Paz.

Procurei-te ontem e anteontem em casa, e não te achei.
Hoje, se te não encontrar, deixarei esta carta, pedindo-te
que me esperes amanhã de manhã para conversarmos
sobre aquilo.

[...]

Espera-me amanhã, domingo; irei às dez horas e meia para dar-te tempo de concluir o sono que, por ser domingo, creio que irá até mais tarde.

Teu

Machado de Assis (MOUTINHO; ELEUTÉRIO, 2008, 264)

Essa mensagem traz forte indício de outros endereços intermediários do escritor nesses anos (minimamente um) que não sejam os dois já conhecidos, exceto pelo caso improvável de Paz ter deixado a casa de Matacavalos e Machado de Assis seguido nela até o matrimônio, ou que já tivesse o escritor ido viver na segunda moradia ainda tempos antes da união com Carolina. Uma outra carta de Machado a Paz, sem data, uma vez sobreposta à anterior (dada a promessa de retorno num domingo naquela e, nesta, a efetiva visita nesse mesmo dia da semana), até poderia referendar uma antecipada ocupação pré-nupcial do imóvel na rua dos Andradas, embora nada desabone que a mensagem tratasse de qualquer outro contexto mais tardio:

[Rio de Janeiro, sem data.]

Paz:

No domingo bati e rebati à tua porta. Nem viva alma. Queria dizer-te o que houve a respeito de bilhetes, e ao mesmo tempo falar-te de uma ideia soberba!!! Manda dizer onde me podes falar; caso recebas esta carta depois de vir o portador dela, escreve, para minha casa (Andradas 119) e marcando hora e lugar hoje.

A coisa urge.

Teu

Machado de Assis. (MOUTINHO; ELEUTÉRIO, 2008, 286)

De toda maneira, onde vivia o escritor nesses tempos, entre Matacavalos e Andradas, é uma incógnita, uma das muitas que talvez nos sejam imposta pela própria natureza reservada do artista — e, para citar ainda a sua correspondência, pensemos em como é sugestiva a carta de 30 de maio de 1862 que lhe envia Luís Guimarães Júnior, alegando tê-lo procurado em vários lugares antes de partir para

São Paulo, exceto justamente no mais lógico, seu endereço, do que se pode supor então que ou seria ignorado ou distante em demasia da cidade: “Esta cartinha há de servir de despedidas e desculpas. Procurei-o no *Diário* há dias e não me foi possível encontrá-lo aí, nem na tipografia do Paula Brito onde costuma estar às vezes.” (MOUTINHO; ELEUTÉRIO, 2008, 15)

É, pois, com alguma indelicadeza que, invadindo essa intimidade, discutiremos a seguir, a partir de nova evidência, uma hipótese de logradouro seu na década de 1860 até então, cremos, não referenciado por seus biógrafos.

Um suposto endereço esquecido

O período que se estende desde o momento algo impreciso em que dividira residência com Ramos Paz até o matrimônio em outubro de 1869 mantém em aberto as possibilidades, não sendo possível tomar como irrevogável a ilação de que Machado de Assis permanecera na Rua de *Matacavallos* (com os duplos l’s, como se grafava à época) por todo esse tempo.

É então que documentos de novembro e dezembro de 1867 podem fornecer dados importantes. Trata-se de atas de sessões do Conselho Administrativo da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional (a SAIN, espécie de precursora da atual Confederação Nacional da Indústria - CNI), de que o escritor fez parte e onde exerceu mais tarde cargos de direção: na primeira, de 15 de novembro, dentre outros nomes, encontramos o seu indicado a sócio efetivo por Luiz Mendes Ribeiro Júnior, quiçá em razão do entusiasmado apoio que, como jornalista do *Diário do Rio de Janeiro*, Machado de Assis sempre havia dado às participações da SAIN nas Exposições Universais; na segunda, de 3 de dezembro, a proposta de afiliação é votada e aceita. Em ambas, consta a informação de que seria “Joaquim Maria Machado de Assis, jornalista, morador á Rua da Alfândega n. 123”. Os documentos são publicizados mais tarde, não somente em informativo próprio da Associação, como, minimamente no caso da primeira reunião, também no *Jornal do Commercio*. [ANEXO IV]

Mas o fato de o logradouro vinculado a Machado de Assis ser publicado ao menos três vezes não se transmuda em força comprovativa: a informação surge de

uma fonte inicial que se repete, não há dificuldade de o deduzir — da primeira para a segunda ata e do informativo da associação para sua reprodução em jornal de maior circulação: houvesse uma gralha e ela tenderia a se espelhar. A única mais vaga corroboração residiria na percepção de que o *Jornal do Commercio* publica o texto sem contestações, mas seria mesmo improvável que o retificasse ainda que ocorresse algum erro, por ser a reverberação de um documento e não uma matéria própria da sua redação sujeita à revisão e, ademais, em razão de Machado não ser ainda nessa altura tão conhecido que merecesse que lhe soubessem a morada. Por tal escassez de dados que o referendem, trataremos o endereço, uma vez que indicado a rigor por um único documento, como hipotético e não factual.

Investigações paralelas, contudo, ainda que não confirmem a conjectura, poderiam aumentar a perspectiva de sua veracidade, através de uma técnica que, se assim nos for permitido, chamaríamos de estratégia “das negativas”, denominação espirituosa em lembrança do capítulo final de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* — porque realmente, a seguir, *esta seção é toda de negativas*.

Das negativas

A primeira negativa que colocamos à prova é a suposição, de todo já improvável (mas investiguemos as humanas hipóteses), de que o membro associado que o indicara à SAIN, desconhecendo o endereço do poeta, tivesse preenchido os dados solicitados pelo processo com a sua própria morada ou imóvel de sua propriedade, na impossibilidade de o deixar em branco. Repare-se que estamos a falar, no caso dessa presumível ocupação por Machado de residência na Rua da Alfândega, dos meses finais de 1867, dados portanto que se apresentariam no *Almanak Laemmert* certamente no início do ano seguinte. Ora, na edição de 1868 desse catálogo, Luiz Mendes Ribeiro Júnior, cuja família era proprietária (ou fazia uso) de alguns imóveis na cidade, registrava-se à Rua São Pedro 82 e à do Cosme Velho 46, endereços que se repetem em outros anos na mesma publicação [ANEXO V]. E, como veremos, tudo indica que o sobrado da Alfândega 123 pertencesse já em 1867 a Manoel Francisco dos Santos Deveza.

Portanto, o endereço divulgado na reunião da SAIN não parece ter nenhuma relação com Ribeiro Júnior.

Uma negativa segunda, aliás, consiste em não haver referência ao endereço no *Almanak* em 1867 e 1868, exceto por menções ao ponto comercial do imóvel (principal objetivo do catálogo), no térreo, na época a abrigar armazém administrado pela sociedade entre os negociantes Bruno Telles de Menezes Vasconcellos e Francisco Severiano Amado Júnior [ANEXO VI]. É verdade que a parte do imóvel que serve à moradia, em andar superior, somente é nessa publicação referida com clareza em 1857, quando se indica a residência de Bellini (parece factível tratar-se do médico Thomaz Victor Bellin, apesar da grafia distinta) na “Alfândega 123, 2º and.”, e talvez apenas porque o profissional a usasse também como consultório, segundo comprovaria anúncio de seus serviços a indicar horário fixo para consultas mas também disponibilidade integral a atendimentos de emergência [ANEXO VII]. Nos anos fundamentais à nossa investigação, porém, a Alfândega 123 (seja 1º, seja 2º andar) não é identificada.

Nossa terceira negativa refere-se à ausência de endereços do autor de *Quincas Borba* no citado catálogo durante os anos 1860, incluindo 1867 e 1868, de nosso maior interesse. Na edição de 1862, é listado de certo pela primeira vez, em razão de sua posição como bibliotecário na Sociedade Arcádia Brasileira — sem que, porém, viesse a surgir no “Indicador Alfabético”, seção efetiva de logradouros de moradia, escritório ou estabelecimento comercial dos arrolados. A mesma posição profissional é referida no ano seguinte e seu nome desta feita figurará no índice geral, contudo, sem preenchimento algum de endereço. Quando afinal é mencionado com vínculo a moradia, em 1870, já está casado e residindo na Rua dos Andradas 119, em sobrado que — como poucos dos imóveis conhecidos que habitou — existe até os dias atuais¹⁰. [ANEXO VIII] Entre 1864 e 1869, todavia, o escritor não é registrado.

¹⁰ Além da Rua dos Andradas 119 (atual 147) e da Rua da Lapa 96 (atual 242), tombados em 2008 pela Prefeitura no centenário de seu falecimento, deu-se processo semelhante em 2013 com imóvel em que Machado teria nascido, na Ladeira do Livramento 77, informação que gera controvérsia entre historiadores consultados pela Academia Brasileira de Letras, que não reconhece o achado.

A negativa seguinte debruça-se sobre a falta de informação precisa de endereço do escritor nesse tempo. Consultando novamente sua correspondência compilada, vê-se que, nessa década, Luís Guimarães Júnior endereça-lhe cartas à Rua do Rosário 86, entre 1863 e 1865, enquanto Ferreira de Meneses escreve ao mesmo logradouro em 1866, mas se trata da localização da redação do *Diário do Rio de Janeiro*, um endereço profissional portanto. Correspondências à Rua dos Andradas 119, aludida primeira morada após o casamento com Carolina, aparecem em 1869, ano da união. Antes disso, as cartas resgatadas, muitas delas missivas públicas em jornais, não trazem pistas sobre o local ou os locais em que o escritor residira antes do fim dessa década.

Por fim, a derradeira negativa desta seção de negativas passa pela investigação de evidências de ocupações outras do endereço que lhe foi atribuído na ata da reunião da SAIN. O sobrado foi usado muitas vezes por profissionais liberais que anunciavam serviços nas folhas, como identificamos em momentos anteriores e posteriores à data de interesse, tal qual o citado médico T. V. Bellin e também um guarda-livros nos anos 1850¹¹, bem como serviços imobiliários, venda de maquinários usados e comércio de escravizados na década de 1860 e 1870 [ANEXO IX] — de 1867 a 1869, porém, é curioso que não identifiquemos acerca do sobrado da Alfândega 123 registro algum com informações dessa natureza. Nesse tempo, encontram-se nas folhas algumas chamadas para aluguel do espaço e, em 1867, o último que verificamos data de 30 de agosto, enquanto nova disponibilidade só nos foi possível constatar em 10 de janeiro de 1872, o que sugere que não esteve vago nesse tempo ou foi alugado sem carecer de propaganda. Há, por fim, anúncios de profissionais a se oferecer para serviços em estabelecimentos outros a referir a Alfândega 123 (sem indicação de andar superior), porém, já que alguns deles explicitam que esse contato seria feito através da loja térrea, é lícito supor que o padrão é extensivo aos demais casos, não caracterizando exatamente ocupação do sobrado.

¹¹ Os anúncios do médico desaparecem dois meses antes do surgimento do guarda-livros nas folhas, no fim de 1856, sugerindo tratar-se do mesmo escritório e indicando que a antes aludida informação de 1857 do *Almanak* estaria defasada, como era natural que ocorresse.

O imóvel

É justamente através desses anúncios de aluguel que podemos reconstruir a estrutura do imóvel. Eis uma compilação de algumas descrições que daí retiramos: *uma sala mobiliada, com alcova e tres janellas de sacada, com cortinas americanas, uma linda sala e quarto (uma sala e alcova), com bonito terraço na frente, com entrada independente, a casa é muito airosa e o lugar é excellent para qualquer escriptorio, no centro do commercio, rua da Alfândega n. 123, abaixo da da Valla* — tudo isso a ser alugado *a pessoa muito capaz empregada no commercio* [ANEXO X]. Deparamo-nos, semelhante a outras vezes, com o espaço ora a ser referido como segundo andar, ora primeiro. Em um tempo de dez anos (os anúncios são de 1857 a 1867 — e os de agosto desse último ano poderiam até ser os que encaminharam Machado de Assis ao aluguel do imóvel), seria natural que a nomenclatura oscilasse. Ocorre, porém, que haveria aqui um fato novo: as descrições entram em contradição ao opor a esta *sala e quarto* ou *sala com alcova* a descrição de *uma sala com dous quartos* ao invés de um apenas, a provocar a desconfiança de que realmente pudesse se tratar de uma construção com loja térrea e dois sobrados, isto é, dois andares superiores, o segundo a contar com um quarto e o primeiro com dois.

O térreo, algumas vezes denominado “armarinho” ou “loja” ou “venda”, era ocupado por comércios diversos, conforme já apontamos, tais quais o de joias ou brinquedos ou colchões ou artigos femininos ou fazendas — aliás, em um referido sótão, mais uma possível estrutura do imóvel a se acrescentar na planta que presumimos, funcionaria a oficina de uma alfaiataria, ao menos nos anos 1870 — ou, uma vez mais, em triste lembrança de nossa sociedade, escravizados: foi assim, por exemplo, a ourivesaria dos Irmãos Norat na década de 1850, o armarinho Bastos e Vasconcelos na de 1860 e a Casa da Minerva nos anos 1870. [ANEXO XI]

Na reorganização de números empreendida entre 1873 e 1876 pelo escriturário João Cruvello Cavalcanti a serviço da Câmara Municipal da Corte, o número 123 da Alfândega torna-se 117. O registro desse movimento, na *Nova numeração dos prédios da cidade do Rio de Janeiro*, traz informações

importantes, como a posse do imóvel, pertencente à época a Manoel Francisco dos Santos Deveza (talvez o mesmo entalhador português responsável pelos altares laterais da Igreja de Nossa Senhora da Conceição e Boa Morte), que ainda era proprietário dos números contíguos 125 e 121 (morava nesse último endereço nos anos 1850, mas no fim da década de 1860 estava em Portugal). O trecho da rua parece mesmo pertinente porque tais números são os mais próximos do imóvel que ficaria na esquina da Rua *Uruguayana* (e cuja numeração passa a fazer parte dessa outra via); ora, essa é a antiga Rua da Vala, a mesma que um dos anúncios de aluguel indica como ponto de referência. A única questão que entra em conflito com as conclusões que antes levantávamos concentra-se na descrição de que se trataria de um imóvel com apenas um sobrado, isto é, um andar somente acima do térreo. [ANEXO XII]

De posse desses dados, afinal, buscamos o histórico dos imóveis de aparência mais antiga que ainda estivessem atualmente de pé no lado ímpar da Rua da Alfândega e *abaixo da da Valla* (isto é, próximo ao cruzamento com a Uruguaiana). Levantamos no 2º Cartório de Registro Geral de Imóveis do Rio de Janeiro certidão de inteiro teor das matrículas dos, hoje, números 119, 121, 123 e 125 da Alfândega, além do 154 da Uruguaiana, com o histórico disponível sobre eles, mas os dados disponíveis são recentes, da década de 1970 em diante. Ademais, todos os prédios da cidade construídos antes de 1938 tem esse ano como data de construção, porque somente então o registro de IPTU passou a ser feito. Desses números citados, o de número 119 é o que, externamente, mais se aproxima das descrições dos anúncios de aluguel, com as três janelas de sacada, a varanda na frente e a entrada independente à da loja térrea — e dois sobrados, apesar do registro contrário de Cruvello Cavalcanti [ANEXO XIV]. Não foi possível ter certeza, porém, de que a construção date do século XIX.

Temos também notícia de que o Arquivo Nacional guarda sob o código 4M MAP 118 documento de 1870 intitulado Levantamento Cartográfico da Cidade do Rio de Janeiro (organizado pelo Setor de Obras Públicas do Ministério da Agricultura), com o desenho dos terrenos dos imóveis municipais desse tempo. Especulamos que tais mapas poderiam conter respostas importantes, mas esse

registro, não disponibilizado nos seus sistemas de arquivos digitalizados, é inacessível no momento à consulta em razão da condição sanitária do país que impede o atendimento presencial no órgão.

Um pouco de literatura

Na obra de Machado de Assis, a Rua da Alfândega não é das mais visitadas. Uma passagem nos chama a atenção, contudo: a do pungente conto “Pai contra Mãe”, publicado no seu último volume de narrativas curtas, criação sobre a qual já nos debruçamos, justamente a tratar do simbolismo que os nomes das ruas citadas trazem à narrativa¹². Eis a passagem em que a Alfândega surge, no momento em que o caçador de recompensas Cândido Neves leva Arminda, cativa que fugira, em direção à casa do senhor de escravos que a reclama:

Foi arrastando a escrava pela Rua dos Ourives, em direção à da Alfândega, onde residia o senhor. Na esquina desta a luta cresceu; a escrava pôs os pés à parede, recuou com grande esforço, inutilmente. O que alcançou foi, apesar de ser a casa próxima, gastar mais tempo em lá chegar do que devera. (ASSIS, 1997, 13)

Ora, não sabemos para que lado da Rua da Alfândega, a partir da Rua dos Ourives (atual Miguel Couto) Cândido Neves teria seguido com a personagem da mulher, no entanto, especulemos, se assim nos for concedido: sendo *a casa próxima*, não o tivesse talvez feito por mais do que um quarteirão e, se houvesse tomado a esquerda, na direção da Uruguaiana (antiga Rua da Vala), estaria justamente no trecho da Alfândega entre essas outras duas ruas em que havia (hipoteticamente, reiteramos) residido o autor no fim da década de 1860. E essa é justamente a época, segundo destacamos no mesmo artigo anteriormente referido, em que se passaria a narrativa:

¹² Ver “Estudo homônimo do conto ‘Pai contra mãe’, de Machado de Assis”, publicado no volume 18 número 1 da revista *Scripta Uniandrade*, de 2020.

Sobre a datação algo vaga que o narrador sugere para o narrado (*há meio século*), acreditamos poder ajustá-la com mais precisão à década de 1860, inferindo-a em razão justamente da menção à Roda dos Enjeitados [...]. Ora, essa estrutura da roda estaria em atividade, segundo o próprio conto, à Rua dos Barbonos, exatamente a referência que nos permitirá localizar temporalmente a sua história.

[...]

Publicado já no início do século XX (tempo da voz do narrador), o enredo de “Pai contra mãe” desenvolve-se, segundo suas palavras, reiteremos, há meio século, o que nos encaminharia aproximadamente aos meados dos anos de 1850. Mas, dado que a roda somente foi transferida para a Rua dos Barbonos em 1860, podemos concluir que, por coerência, a narrativa desenvolve-se em algum momento desse ano em diante (mas, factualmente, apenas até 1870, quando a Rua dos Barbonos ganha o nome de Evaristo da Veiga, alcunha que se mantém até hoje, em homenagem ao jornalista liberal que ali residira e falecera) [...]. (SOARES, 2020, p. 307-8)

Trata-se, pois, de um fato talvez pitoresco a ser citado, que mais ou menos sobrepõe espacial e cronologicamente o enredo da narrativa escrita no início do século XX e a suposta morada do escritor em tempos pretéritos, numa espécie de possível reflexão de sua experiência vivida na criação literária.

Consideração final

O narrador machadiano talvez confessasse que, dada a seção anterior, *ou muito me engano, ou acabo de escrever um capítulo inútil*, como em *Memórias póstumas*. A razão, todavia, logo se esclarece: o presente pesquisador, mais habituado a circular pela grande área de Linguística, Letras e Artes, precisamente no campo da Literatura, aventurou-se aqui em uma investigação antes histórica e geográfica do que literária, e a última seção desse artigo talvez seja apenas um derivativo que evite alguma crise de abstinência. E a ironia dessa última sentença, confissão inevitável, pretende que lhes sejam absolvidas as falhas técnicas: careça talvez a pesquisa de instrumentos mais precisos, não adquiridos em sua formação, para alcançar informações cruciais, como um conjunto completo das mudanças de

numeração que a via sofreu desde os anos 1860 até hoje, por exemplo.

Parece certo que valeria a pena o esforço de precisar o endereço, a fim de saber se continua a existir o imóvel, para que se some aos tombamentos já existentes, se pertinente for, e, caso não mais haja o prédio, que ao menos se pudesse descerrar, como no edifício que ocupa o lugar da casa do Cosme Velho ou na sede do TCU da cidade, placa indicando que o escritor ali viveu (ou pode ali ter vivido), mesmo que brevemente. Tudo isso, claro, na hipótese de se concluir que, realmente, a informação trazida pela ata da sessão da SAIN é precisa sobre a residência de Machado de Assis, em 1867, na rua da Alfândega 123.

Referências bibliográficas:

1. BIBLIOTECA NACIONAL. *Hemeroteca*. Disponível on-line: memoria.bn. Acesso em: 22 mar. 2021.
2. ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. São Paulo: Ática, 1991.
3. ----- . *Esau e Jacó - Memorial de Aires*. São Paulo: Nova Cultural, 2003.
4. ----- . *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Moderna, 2015.
5. ----- . “O grito do Ipiranga”. Poema inédito localizado por Wilton José Marques. Disponível on-line: saci.ufscar.br/data/clipping/imagens/32932_00.jpg. Acesso em: 22 mar. 2021.
6. ----- . “Pai contra mãe”. In: *Relíquias da casa velha*. São Paulo: Globo, 1997, p. 1-14.
7. CAMPOS, Alex Sander Luiz; MIRANDA, José Américo. “Um texto crítico de Machado de Assis”. In: *Machado de Assis em Linha*, São Paulo, v. 9, n. 18, Maio-Agosto 2016, p. 146-57.
8. MARQUES, Wilton José. “As primeiras incertezas, o profeta machadiano e o malogro do primeiro livro”. In: *Machado de Assis em Linha*, São Paulo, v. 9, n. 19, Setembro-Dezembro 2016, p. 11-33.
9. MASSA, Jean-Michel. *A juventude de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.
10. MOUTINHO, Irene; ELEUTÉRIO, Sílvia. *Correspondência de Machado de Assis - Tomo I – 1860-1869*. Rio de Janeiro: ABL, 2008.
11. ----- . *Correspondência de Machado de Assis - Tomo II – 1870-1889*. Rio de Janeiro: ABL, 2009.
12. RISSATO, Felipe Pereira. “Machado de Assis inédito, desconhecido, anônimo, surpreendente...”. In: *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, s. VIII, n. 87, abril-junho 2016, p. 119-31.
13. ROUANET, Sérgio Paulo. “Apresentação”. In: MOUTINHO, Irene; ELEUTÉRIO, Sílvia. *Correspondência de Machado de Assis - Tomo II – 1870-1889*. Rio de Janeiro: ABL, 2009, p. 7-29.

14. SOARES, Marcelo Pacheco. “Estudo hodonímico do conto ‘Pai contra mãe’, de Machado de Assis”. *Scripta Uniandrade*, Curitiba, v. 18, n. 1, janeiro-abril 2020, p. 299-317.
15. TEIXEIRA, Cristiane Garcia. “M’achado biógrafo: da investigação de uma revista a um texto inédito”. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 22, n. 40, janeiro-junho 2020, p. 213-32.

ANEXO I

Pouco mais ou menos teabo de offerecer o mesmo conselho ao nosso joven litterato o Sr. Machado de Assis, que acaba de mimosear o publico com uma fantasia dramatica a que dou por titulo *Desencantos*.

O Sr. Machado de Assis reúne grandes condições para ser um escriptor de elevado merecimento, e se não o é ainda é porque aos vinte um annos raramente se tem encontrado no mundo quem o seja.

Por consequencia estude, e estude muito, Sr. Machado de Assis!

Deos lhe cnchen a alma e o coração de imaginação, de sensibilidade, de talento, de nobres sentimentos, de ardor, e de *sinceridade*; aproveite-se pois, em bem da patria e de si proprio, dos favores de Deos, e prepare-se para vir a escrever o seu nome entre os dos litteratos de mais nomeada do nosso paiz.

E portanto estude, e estude muito, Sr. Machado de Assis!

Não posso dar melhor prova do justo apreço que faço dos seus *Desencantos*.

Figura 1. *Jornal do Commercio*, 23 de setembro de 1861, coluna "Chronica da Semana", do escritor Joaquim Manuel de Macedo.

ANEXO II

Jury — Hontem não houve numero para funcionar este tribunal, e sendo o 15º dia, ficou encerrada a 11ª sessão ordinaria.

Amanhã, sob a presidencia do Sr. conselheiro Bento Lisboa, devendo comparecer os seguintes Srs. jurados sorteados, que têm de servir na 12ª sessão ordinaria:

Pela freguezia do Santissimo Sacramento. — José Avelino Marçal Ferreira, Antonio José de Moraes Brito, Dr. Manoel Luiz Regadas, José Ponciano de Oliveira e Cindino Alves de Castilho.

S. José — Tenente Aristides Monteiro da Penha, Honorio José Fragoso, Arthur Carlos Watson e Ayres Martins Teixeira.

Santa Rita — Francisco José de Oliveira Brito.

Sant'Anna. — Tenente José Maria Ferreira, João Henrique da Silva, Dr. João Gonçalves Coelho, João Mancio da Silva Franco, Joaquim Caetano Teixeira e José Gonçalves da Silva.

Engenho Velho — Dr. Nicanor Gonçalves da Silva, Dr. José Fernandes Moreira e Dr. Luiz Francisco Monteiro de Barros.

Gloria — Jesuino Pereira da Silva, Joaquim Maria Machado de Assis, Dr. Possidonio de Carvalho Moreira, Dr. João Evangelista Sayão de Bulhões Carvalho, Dr. Sizenando Barreto Nabuco de Araujo, Miguel de Oliveira Salazar e Pedro Mendes de Souza.

Figura 2. *Jornal do Commercio*, 2 de dezembro de 1884.

JURY

Comecam hoje os trabalhos na 3ª sessão ordinaria, sob a presidencia do Sr. Dr. Bandeira de Mello.

Os sorteados são os Srs.:

Freguezia do Santissimo Sacramento. — João Baptista Fortes, Dr. José Antonio Pereira da Silva, João José Carlos, Domingos Antonio da Silva, Geraldino Rodrigues Alves, Leopoldo Fernandes de Oliveira Guimarães, Luiz Ferraz da Silva, Herculano Guedes de Carvalho, Manuel Alves Castilho, engenheiro José Ferreira Baptista, Balduino Sabino Borges, Antonio Pedro Vaz, Afonso Ribeiro Maglioli e Antonio Aurelio Alves da Silva.

S. José. — Joaquim Antonio da Lapa, Ernesto da Costa Ferreira, Francisco Antonio dos Santos, João Maria Valladares, João Ferreira Serpa Junior, Thomaz da Costa Passos Junior, Luiz José de Almeida e Francisco Maria Nafra.

Candelaria. — Antonio Augusto de Oliveira Braga.

Santa Rita. — João de Andrade Leite, Francisco Galdino da Graça e Antonio Joaquim Lopes.

Sant'Anna. — Francisco José Pereira de Castro, Hermenegildo João Barbosa, Timotheo Gomes Ribeiro, Joaquim Duarte do Nascimento e Joaquim Fernandes de Souza.

Gloria. — João Baptista Côrtes, Joaquim Manuel Machado de Assis e Jorge de Souza Conceição.

Santo Antonio. — Dr. Albino Moreira da

Figura 4. *Gazeta de Noticias*, 3 de março de 1887, com indubitável erro no nome do escritor, dadas as convocações anteriores.

Nova convocação de jurados — Ante hontem, em uma das salas do paço municipal, achando-se presentes os Srs. Dr. Luiz de Hollanda Cavalcanti de Albuquerque, juiz de direito do 4º districto criminal, Joaquim José da Silva Pinto, presidente da Illma. camara municipal, e Julio Benedicto Ottoni, 1º promotor publico, o escrivão do 2º cartorio, Antonio Agostinho Barbosa Brandão, procedeu-se ao sorteio dos 48 cidadãos que têm de servir de jurados na 6ª sessão ordinaria convocada para o dia 1º do mez de Junho, designando a sorte os Srs.:

Pela freguezia do Santissimo Sacramento — Ricardo Rangel dos Santos, Francisco Teixeira da Rocha, Eleuterio Augusto do Nascimento e Domingos Martins de Oliveira Paranhos Junior.

S. José — Carlos Ledo de Araujo Neves e Arthur Pio Deschamps Montmorency.

Candelaria — Julio de Campos Mello, José Raphael de Azevedo Junior, Antonio Luiz dos Santos Lima e Luiz da Costa Chaves Faria.

Santa Rita — João Bernardo Lobato Pereira.

Santo Antonio — Capitão Firmino Pires Ferreira, Dr. Egydio Pinto da Silva Mello, Conrado Augusto Xavier da Rocha, Dr. Antonio Gomes Guerra de Aguiar, capitão Domingos Itacolomy Guanabara Ferreira e Dr. Sylvio Roméro.

Sant'Anna — Esdras Quintino de Moura, Elias Wenceslão Cabral e Mello, Augusto Manoel Martins, Antonio José Marques Zamith Junior, Antonio Augusto Teixeira, Antonio Joaquim Lazaro Ferreira, José Joaquim Ribeiro Pimenta e tenente-coronel Carlos Corrêa da Silva Lage.

Gloria — Francisco Izidoro de Souto, João Nogueira Borges, José Manoel de Moraes Valle, Joaquim José Palhares Sobrinho e Joaquim Maria Machado de Assis.

Figura 3. *Jornal do Commercio*, 6 de maio de 1885.

PROCLAMAS LIDOS NA CAPELLA IMPERIAL NO DIA
10 DE OUTUBRO DE 1869.

to
o-
n-
to
o-
r-
le
a-
ia
le
t-
a
e
e
-
a
o
e
2
3
1
3
1

Geraldino José Coelho com Leopoldina Maria da Conceição.
Pedro de Mello Souza e Menezes com Carolina Carmelita da Silva Lopes.
Clorindo Olindense Pessoa de Mello com Rita Carolina Nascetes Burnier.
Manoel Alves Branco com Theresa Carolina Maertens.
João Gonçalves de Marins com Marianna Candida Leal.
Afonso Pacheco da Cunha com Carlota Leopoldina da Silva.
Bernardino Gomes Chaló com Julia Maria Gonçalves.
Carlos Pinto de Almeida com Maria Eugenia de Sá Freire.
Manoel Pacheco Dutra com Senhorinha da Encarnação.
Mariano de Medeiros com Maria Paula.
Joaquim Teixeira de Souza com Antonia de Souza.
José Joaquim da Silveira com Francisca Emilia Cardoso.
Antonio da Silva Pinto com Marianna Carolina da Gloria.
Fernando Pinto de Almeida Junior com Ernestina Richard.
Bento Pereira com Philomena Luiza da Conceição.
Francisco Gonçalves da Silva com Clementina Maria da Conceição.
José Ferreira Guimarães com Guilhermina Maria Rodrigues.
Eugene Angelo Charles Corquinet com Rita Candida.
Joaquim Maria Machado de Assis com Carolina Augusta Xavier de Novaes.

Figura 5. *O Apóstolo*, 17 de outubro de 1869.

ANEXO III

Joaquim Machado de Assis, morador à rua do Cosme Velho n. 18, queixou-se ao delegado da 13ª circumscrição policial de que desaparecera de sua casa um criado de nome Augusto Pereira da Silva, que subtrahi-lhe uma porção de joias com brilhantes.

Figura 6. *Gazeta de Notícias*, 10 de junho de 1893.

FURTO

Joaquim Machado de Assis, morador à rua do Cosme Velho n. 18, queixou-se ante-bontem ao delegado da 13ª circumscrição que, tendo admittido como seu empregado, um individuo de cor parda de nome Augusto Pereira da Silva, fora roubado por este, nas seguintes joias: uma chatelaine de ouro, um relógio de ouro, tendo na tampa a inicial C, com diamantes, uma chatelaine com um dado de ouro, um relógio de ouro com as iniciaes C. M., uma chatelaine do mesmo metal e com as mesmas iniciaes, um broche em fórmula de estrella com um brilhante, um grampo para chapéo, com brilhantes, um broche com turquezas, e um dito grande com dois coraes.

A auctoridade abriu inquerito e procede as necessarias diligencias sobre a captura do gatuno.

Figura 7. *Jornal do Brasil*, 10 de junho de 1893.

ANEXO IV

... do Sr. Augusto Dias Carneiro, proposto pelo Sr. Augusto Ter-
veira Coimbra.

Forão lidas, e ficarão sobre a mesa, para serem sub-
mettidas á votação na proxima sessão as seguintes pro-
postas; do Sr. Dr. Augusto Dias Carneiro, apresentando
para socio correspondente ao Sr. João Otto Luiz Nie-
meyer, Director da colonia « D. Francisca » em Santa
Catharina ; do Sr. Dr. José Augusto Nascentes Pinto,
apresentando para socio correspondente ao Sr. Dr. Diniz
Frederico Vilhena, Advogado em Angra dos Reis ; do
Sr. Hermano Eugenio Tavares, apresentando para socio
effectivo ao Sr. Antonio Francisco dos Santos Maráo.
com officina de serralheiro á rua das Violas n. 129 ;
do Sr. Leon Leiden, apresentando para socios effectivos
aos Srs. Vincent Lagarde, negociante e fabricante de
agoas gazosas, morador á rua d'Assembléa n. 79, e
J. Lombaert, encadernador de S. S. M. M. I. I., mo-
rador á rua dos Ourives n. 17 ; do Sr. Luiz Mendes
Ribeiro Junior, apresentando para socio effectivo ao Sr.
Joaquim Maria Machado de Assis, Jornalista, morador
na rua d'Alfandega n. 123 ; do Sr. Cincinnato Cle-
mente Moniz Valdetaro, apresentando para socio effec-
tivo ao Sr. José Manoel Garcia, natural do Maranhão, em-
pregado publico, morador á rua do Sabão n. 310 ; do
Sr. João José da Cruz Cotrim, apresentando para socio
effectivo ao Sr. José Feliciano de Campos, brasilei-
ro, artista, morador á rua d'Ajuda n. 106 ; e finalmente
do Sr. Bacharel José Pereira Rego, apresentando para
socio effectivo, remido, ao Sr. Miguel Teixeira de Car-
valho, negociante, brasileiro, morador á rua Direita
n. 72.

Foi mais apresentado, e ficou sobre a mesa, para ser
opportunamente discutido o parecer da Seccão de Ma-

Figura 8. *O Auxiliador da Industria Nacional*, n.12, dezembro de 1867, trecho da ata da sessão do Conselho Administrativo da SAIN de 15 de novembro de 1867.

GAZETILHA.

SOCIEDADE AUXILIADORA DA INDÚSTRIA NACIONAL.—
Sessão do conselho administrativo, em 15 de Novembro de 1867.—Honrada com a augusta presença de S. M. o Imperador.—Presidencia do Exm. Sr. conselheiro de estado José Maria da Silva Paranhos.—Achando-se presentes os membros do conselho, Srs. conselheiros Paranhos e Antão, Drs. Nicoláo Moreira, Vilhena, Souza Rego, Pereira Portugal, Bomsucesso, Siqueira Filho, Lopo Cordeiro, Pereira Rego Junior e Nascentes Pinto, commendador Azevedo, José Botelho, Lidgerwood, e socios effectivos os Srs. Hermano Eugenio Tavares, Henrique Eduardo Nascentes Pinto, Augusto Teixeira Coimbra, Cincinato Clemente Moniz Valdetaro, Ruy Germack Possolo, Leon Leiden, Luiz Mendes Ribeiro Junior, João José da Cruz Cutrim, Mathias Antonio de Moraes Brito, Joaquim Insley Pacheco e Miguel Calmon de Menezes Macedo, annuncia-se a chegada de S. M. o Imperador, que é recebido com as formalidades do costume. E sendo obtida a imperial venia, o Sr. presidente abriu a sessão.

Foi lida e sem discussão approvada a acta da sessão anterior, que teve lugar em 4 do corrente.

Expediente.—O Sr. secretario geral participa que em 8 do corrente mez recebeu, e de prompto remetteu ao Sr. Dr. redactor do *Auxiliador* para fazer publicar na revista deste mez, sendo possível, o aviso n. 29, datado em 6 do presente mez, do ministerio da agricultura, commercio e obras publicas, acompanhando um exemplar de um prospecto do fabricante P. J. Martins, sobre o descascador das sementes de algodão e outros grãos, e recommendando que seja o mesmo prospecto publicado na gazeta mensal da sociedade, visto parecer vantajosa a introdução dessas machinas na lavoura do paiz, a qual com um tal auxilio poderá utilizar grandemente um producto na actualidade quasi sem valor e applicação.

Carta do Sr. J. B. Lombaerts, acompanhando o 1.º volume, que offerece á sociedade, da obra *L'Exposition universel de 1867 illustrée*, de que o mesmo senhor é agente.—E' recobida a offerta com agrado e remettida á bibliotheca.

Carta do Sr. Dr. Domingos Jacy Monteiro, participando que por motivo de molestia, que ha muitos dias o retém em casa, deixa de comparecer á presente sessão, para dar qualquer explicação ou sustentar na discussão o parecer da secção de artes liberaes e mechanicas relativo ao privilegio pedido ao governo imperial para um novo processo de photographia.—Inteirada.

Requerimento do Sr. Henrique Bochet, acompanhado de amostras de papel, que diz fabricado de bagaço de canna de assucar, allegando que Julio Meyer não póde ter direito ao privilegio que requereu para fabrico ilentico, porque não é delle inventor.—A' secção de industria fabril para dar seu parecer, tomando em consideração as alegações.

Forão approvados socios : effectivos, os Srs. : conselheiro de estado José Thomaz Nabuco de Araujo, proposto pelo Sr. conselheiro José Maria da Silva Paranhos ; José Luiz do Livramento, guarda-livros, morador na praça Onze de Junho n. 28, e Antonio João de Faria, negociante, morador na rua do Rosario n. 31, propostos pelo Sr. bacharel José Pereira Rego ; e correspondentes os Srs. : Dr. Ignacio Francisco Silveira da Motta, fa-

zendeiro na provincia do Rio de Janeiro, residente em sua fazenda Santa Francisca, em Quissamã, e coronel Isidoro Jansen Pereira, residente na provincia do Maranhão, por onde é deputado á assembléa geral legislativa, propostos pelo Sr. bacharel José Pereira Rego ; Dr. João José Carneiro da Silva, fazendeiro, residente em Quissamã, proposto pelo Sr. Dr. Joaquim José de Siqueira Filho, e capitão Simão Dias dos Reis, residente na Parahyba do Sul, provincia do Rio de Janeiro, proposto pelo Sr. Augusto Teixeira Coimbra.

Forão lidas e ficarão sobre a mesa para serem submittidas á votação na proxima sessão as seguintes propostas : do Sr. Dr. Augusto Dias Carneiro, apresentando para socio correspondente o Sr. João Otto Luiz Niemeyer, director da colonia D. Francisca, em Santa Catharina ; do Sr. Dr. José Augusto Nascentes Pinto, apresentando para socio correspondente o Sr. Dr. Diniz Frederico de Vilhena, advogado em Angra dos Reis ; do Sr. Hermano Eugenio Tavares, apresentando para socio effectivo o Sr. Antonio Francisco dos Santos Maráu, com officina de serralheiro á rua das Violas n. 129 ; do Sr. Leon Leiden, apresentando para socios effectivos os Srs. Vincent Lagarde, negociante e fabricante de águas gazosas, morador á rua da Assembléa n. 79, e J. Lombaerts, encadernador de SS MM. II., morador á rua dos Ourives n. 17 ; do Sr. Luiz Mendes Ribeiro Junior, apresentando para socio effectivo o Sr. Joaquim Maria Machado de Assis, jornalista, morador á rua da Alfandega n. 123 ; do Sr. Cincinato Clemente Moniz Valdetaro, apresentando para socio effectivo o Sr. José Manoel Garcia, natural do Maranhão, empregado publico, morador á rua do Sabão n. 310 ; do Sr. João José da Cruz Cutrim, apresentando para socio effectivo o Sr. José Feliciano de Campos, Brasileiro, artista, morador á rua da Ajuda n. 106 ; e finalmente do Sr. bacharel José Pereira Rego, apresentando para socio effectivo o Sr. Miguel Teixeira de Carvalho, negociante, Brasileiro, morador á rua Direita n. 72.

Foi mais apresentado, e ficou sobre a mesa para ser opportunamente discutido, o parecer da secção de machinas e apparatus sobre a pretensão de Janot Jacques & Filhos a privilegio por 10 annos para fabricar e vender no Imperio uma machina de sevar mandioca.

Figura 9. *Jornal do Commercio*, 19 de dezembro de 1867.

Annunciando-se nesta ocasião a chegada de S. M. o Imperador, é o mesmo Augusto Senhor recebido com as formalidades do costume, e depois de obtida a sua Imperial Venia, prosegue a sessão.

São aprovados socios effectivos os Srs. Miguel

Teixeira de Carvalho, brasileiro, negociante, morador á rua Direita n. 72, proposto pelo Sr. Bacharel José Pereira Rego; Antonio Francisco dos Santos Maráu, com officina de Serralheiro á rua das Violas n. 129, proposto pelo Sr. Hermano Eugenio Tavares; José Feliciano de Campos, brasileiro, artista, morador á rua d'Ajuda n. 106, proposto pelo Sr. João José da Cruz Cotrim; Joaquim Maria Machado de Assis, jornalista, morador na rua d'Alfandega n. 123, proposto pelo Sr. Luiz Mendes Ribeiro Junior; José Manoel Garcia, brasileiro, empregado publico, morador á rua do Sabão n. 310, proposto pelo Sr. Cincinnato Clemente Moniz Valdetaro; Vincente Lagarde, negociante, e fabricante de agoas gazosas, morador á rua d'Assembléa n. 79, e J. Lombaerts, encadernador de SS. MM. II., morador á rua dos Ourives n. 17, proposto pelo Sr. Leon Leiden: e socios correspondentes os Srs. Drs. Diniz Frederico de Vilhena, Advogado em Angra dos Reis, proposto pelo Sr. Dr. José Augusto Nascentes Pinto; e João Otto Luiz Niemeyer, Director da Colonia D. Francisca em Santa Catharina, proposto pelo Sr. Dr. Augusto Dias Carneiro.

Figura 10. *O Auxiliador da Industria Nacional*, n.1, janeiro de 1868, trecho da ata da sessão do Conselho Administrativo da SAIN de 3 de dezembro de 1867.

ANEXO V

— Mendes Ribeiro, Cosme-Velho 46.
 — — Junior, Cosme-Velho 46.

Figura 11. Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro, 1867.

Luiz Mendes Ribeiro, 2 de P., r. de S. Pedro, 82, e r. do Cosme Velho, 46.
 Luiz Mendes Ribeiro Junior, r. de S. Pedro, 82, e r. do Cosme Velho, 46.
 * Luiz Pires Farinha, 6, r. da Quitanda, 48.
 * Luiz Tavares Guerra, 2, 4, & C., r. Municipal, 1.

Figura 12. Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro, 1868.

ANEXO VI

Vasconcellos & Amado Junior, Alfandega 123.
 (560.)

Figura 13. Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro, 1867.

Draga Junior & Pina, r. da Candelaria, 35. (Por atacado e também
 Bruno Telles de Menezes Vasconcellos, r. da Alfandega, 123.
 Cabral & Ferreira (sucessores de A. A. Andrade), r. Direita, 48. (1

Figura 14. Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro, 1868.

— Severiano Amado Jor, Alfandega 123.

Figura 15. Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro, 1868.

ANEXO VII

Bellini (M. C. N.), Alfandega 123, 2º and.

Figura 16. Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro, 1857, com provável erro de grafia do sobrenome médico, além de confusão nas iniciais (se é que se trata disso), dada a coincidência do endereço em tempo tão coincidente também; para além: referência a um segundo andar, não ficando claro se indica que a casa teria dois andares superiores ou se não passava de troca da nomenclatura usual que marcaria o sobrado como primeiro andar, em oposição ao andar térreo.

<p>do ainda mais se pois recorrel a todas as le suas familias medicos, appli- le mais de mil e com o retrato</p> <p>CHOCOR</p> <p>HY.</p> <p>francez Pedro andant.</p> <p>hãose sob a guarda baixo nomeados ; e r titulo se conside- s, na villa de Ita- não oncrar o espo- postas em leilão na rente, os animaca, lle pertencentea. ar logar a qualquer tarde reservado o</p>	<p>A BAGUET, afinador e concertador de pianos, 61 RUA DOS OURIVES 61.</p> <p>NOVO CONSULTORIO 123 RUA DA ALFANDEGA 123</p> <p>Mr. T. V. Bellin, doutor em medicina pelas facultades de Paris e de Lisbon, por onde exerceu sua arte tres annos seguidos, ex-medico em chefe do hospital de Varzy (França); das epidemias e da beneficencia, 5º districto de Paris, pôde ser procurado para consultas todos os dias das 7 ás 9 horas da manhã, e do meio-dia ás 2 da tarde, e para chamados a qualquer outra hora do dia e da noite.</p> <p>Atenção.</p>	<p>rões p a qual dirigid de su da Pri 150. Con meio e</p> <p>José Anasta ticipião nos se dário a sun- rua da Alfand sobrado, onde ça com que se Os mesmos chas por preç</p> <p>MEI.</p>
--	---	--

Figura 17. Correio Mercantil, 15 de agosto de 1856.

ANEXO VIII

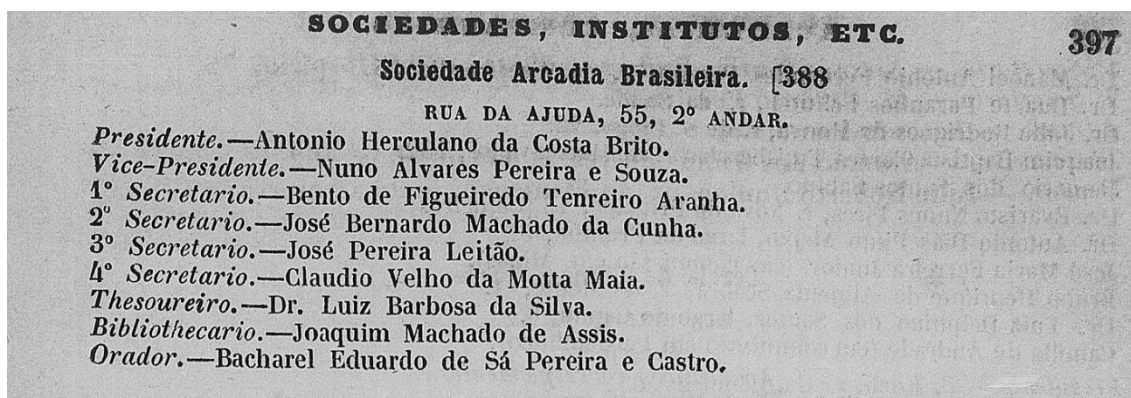


Figura 18. Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro, 1862.

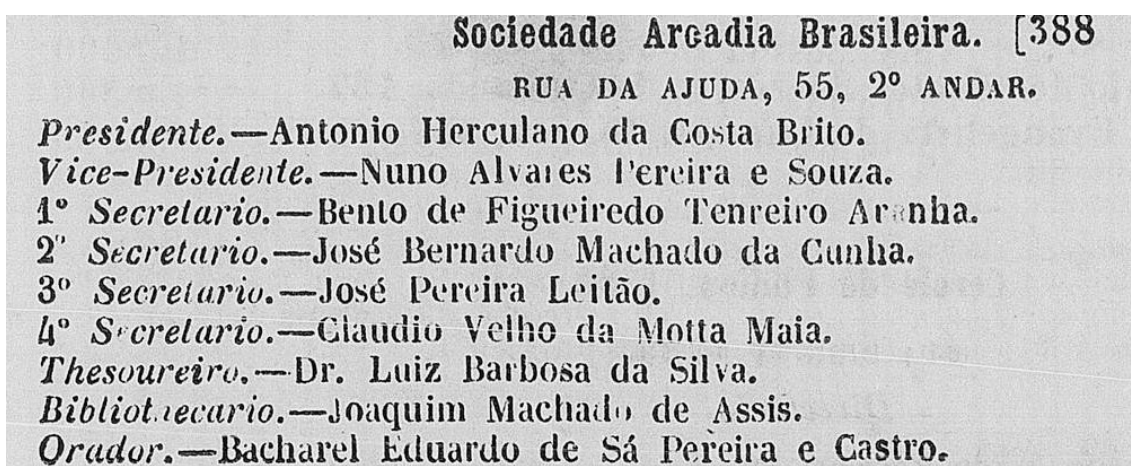


Figura 19. Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro, 1863.

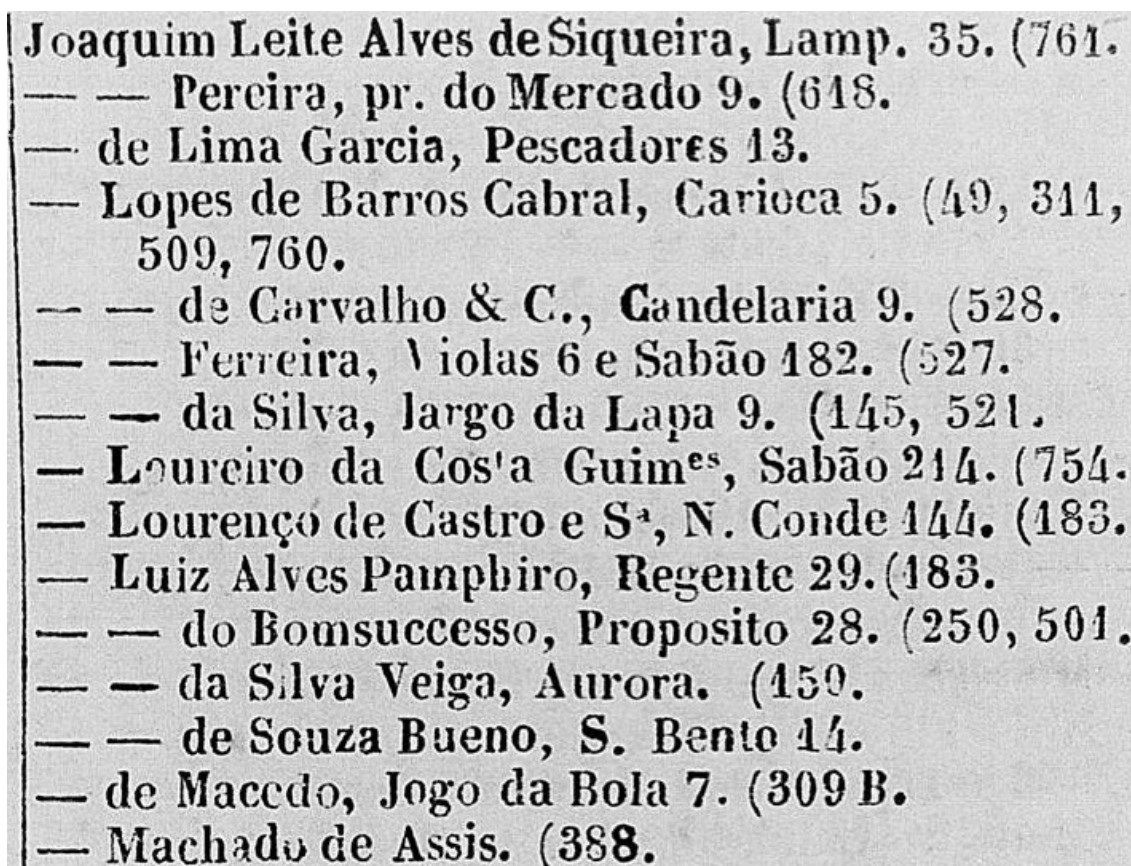


Figura 20. Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro, 1863.

na r. de Gonçalves Dias, 60.
Diario Official do Imperio do Brazil. Publica-se todos os dias. Director da publicação, Luiz Honorio Vieira Souto, r. do Lavradio, 96; Ajudante do Director, Joaquim Maria Machado de Assis, r. dos Andradas, 119; Administrador, João Paulo Ferreira Dias, na Typ. Nacional. Assigna-se a 3\$ por trimestre, na typographia nacional, r. da Guarda-Velha, e nas thesourarias de fazenda.
Diario do Rio de Janeiro.

Figura 21. Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro, 1870.

DIARIO OFFICIAL.

Redactor —Luiz Honorio Vieira Souto, r. da Lapa, 79.
Administrador. —João Paulo Ferreira Dias, 3, 6, no estabelecimento.
Ajudante do director. —Joaquim Maria Machado de Assis, r. de S^{ta} Luzia, 54.

Figura 22. Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro, 1872.

DIARIO OFFICIAL.

Redactor. —Luiz Honorio Vieira Souto, r. da Lapa, 79.
Administrador. —João Paulo Ferreira Dias, 3, 6, no estabelecimento.
Ajudante do director. —Joaquim Maria Machado de Assis, r. da Lapa, 90, 2^o andar.
Escripturario. — Benjamim Ferreira Dias, mora no estabelecimento.

Figura 23. Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro, 1875.

DIARIO OFFICIAL.

Director. —Luiz Honorio Vieira Souto, r. da Lapa, 79.
Administrador. —João Paulo Ferreira Dias, 3, 6, no estabelecimento.
Ajudante do director. —Joaquim Maria Machado de Assis, r. das Laranjeiras, 4.
Escripturario. — Benjamim Ferreira Dias, mora no estabelecimento.

Figura 24. Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro, 1876.

Director.

Vago.

Chefes de Secção.

José Pedro Xavier Pinheiro, Official da Real Ordem da Corôa de Italia, r. do Conde d'Eu, 59.
 Jeronymo Herculano de Calazans Rodrigues, 6; Cavalleiro da Real Ordem da Corôa de Italia, r. do Marquez de Olinda, 16, Botafogo.
 Joaquim Maria Machado de Assis, 6, r. do Cattete, 206.

Figura 25. Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro, 1880.

22]

DIRECTORIA DA AGRICULTURA.

Director.

José Julio de Albuquerque Barros, Cons. Dr., 6, (na Presidencia do Rio Grande do Sul), r. Paysandú, C 1.

Chefes de Secção.

Jeronymo Herculano de Calazans Rodrigues, 6; e Cavalleiro da Real Ordem da Corôa de Italia, r. do Conde de Bomfim, 124.
 Joaquim Maria Machado de Assis, 6, r. do Cosme-Velho, 14.
 Constancio da Franca Amaral, r. de S. Raphael, Andarahy Pequeno.

Figura 26. Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro, 1884.

ANEXO IX

O conselheiro José Lourenço de Castilho Barreto e Noronha, doutor em direito, e director da companhia internacional forense, mudou o seu escriptorio para a rua do Rosario n. 138.

AO COMMERCIO.

O guarda-livros E. Gomes encarrega-se de pôr em dia escriptas atrasadas, balanços, liquidações; estabelecer o systema de partidas dobradas, etc. Os Srs. negociantes que precisarem de seu prestimo dirijão-se á rua da Alfandega n. 123.

Gabinete do Dr. Cassier
FRENCH DOPE-GRANDON
rua dos Ourives n. 20, todos os dias uteis; dá consultas e operações, do meio dia ás 2 horas.

PARTIDAS DOBRADAS.
RUA DA ALFANDEGA N. 123.

O guarda-livros E. Gomes admite alguns discipulos; as pessoas que se queirão dedicar fícarão em 3 mezes habilitadas para tomar a seu cargo a escripturação de qualquer casa commercial de primeira ordem.

Figura 27. *Correio Mercantil*, 30 de outubro de 1856.

ESCRAVOS.

Vendem-se e comprão-se escravos de qualquer idade e recebem-se a consignação adiantando-se qualquer quantia sobre os que forem consignados, garantido-se bom tratamento e promptidão nas vendas; na rua da Alfandega n. 123, 1º andar.

Figura 28. *Jornal do Commercio*, 15 de agosto de 1862.

VENDE-SE uma machina de costura, em segunda mão, está nova e dá-se em conta; na rua da Alfandega n. 123, sobrado.

VENDEM-SE descansos para ferros de engommar, a 120 rs.; na rua da Alfandega n. 123, sobrado.

Figura 29. *Jornal do Commercio*, 8 de novembro de 1865.

VENDEM-SE, de particular, duas pretas Minas, boas peças, e dão bom jornal, não se vende para negocio; quem as pretender dirija-se á rua da Alfandega n. 123, sobrado, que lá se dirá quem as vende.

Figura 30. *Jornal do Commercio*, 26 de janeiro de 1865.

VENDE-SE uma situação distante das barcas da Niterohy uma legua, tendo as proporções seguintes: 800 braças de lado e 2,000 e tantas de fundo, varegens, e rio corrente, muito mato virgem e boa casa para morada, grande laranjal e muitas fructas, sendo o lugar saudavel, e tendo a casa mobilia e tudo que é preciso para uma familia; quem a pretender pôde dirigir-se ao seu proprio dono na rua da Alfandega n. 123, sobrado.

Figura 31. *Jornal do Commercio*, 19 de abril de 1865.

a rua do Rosario n. 61.

VENDE-SE por 3:500\$ uma boa situação distante do embarque de S. Domingos uma legua, tendo casa com mobilia e bastantes plantações, grande pomar de todas as fructas, matas, madeiras, rio corrente, alguma criação e todo o mais pertencente á uma casa de familia; dá-se tudo por esta quantia por seu dono retirar-se para Europa; trata-se na rua da Alfandega n. 123, sobrado.

Figura 32. *Correio Mercantil*, 15 de maio de 1865.

ALUGA-SE uma preta; na rua da Alfandega n. 123, 2º andar.

Figura 33. *Jornal do Commercio*, 5 de novembro de 1873, em nova menção a um segundo andar que poderia sugerir dois níveis superiores ao invés de um, mas também possível fruto de uma troca da nomenclatura usual que considerava o sobrado como o primeiro andar, em oposição ao térreo.

ANEXO X

capaz e de pouca estatura; na rua nova do Conde n. 180.	Niterói, 1 santos, sorve
A LUGA-SE uma linda sala e quarto a pessoa muito capaz; na rua da Alfandega n. 123.	GOT
A LUGA-SE uma preta ouve sabe lavar. cozi-	na rua da

Figura 34. *Correio Mercantil*, 1 de março de 1857.

A LUGA-SE uma sala e alcova com entrada independente, a pessoa empregada no commercio, na rua da Alfandega n. 123; trata-se na rua do Sabão n. 23.

Figura 35. *Jornal do Commercio*, 28 de maio de 1860.

A LUGA-SE o 1º andar da casa da rua da Alfandega n. 123; para tratar, na rua do Sabão n. 23.

Figura 36. *Jornal do Commercio*, 16 de maio de 1861.

A LUGA-SE uma sala com dois quartos, na rua da Alfandega n. 123; para tratar, na rua do Sabão n. 23.

Figura 37. *Jornal do Commercio*, 9 de agosto de 1861.

A LUGA-SE o segundo andar, com bonito terraço na frente, por 35\$, da rua da Alfandega n. 123, abaixo da da Valla.

Figura 38. *Jornal do Commercio*, 28 de outubro de 1865.

A LUGA-SE, no centro do commercio, uma sala mobiliada com alcova e tres janellas de sacada, com cortinas americanas, a casa é muito agradável e o lugar excellente para qualquer escriptorio; na rua da Alfandega n. 123.

Figura 39. *Jornal do Commercio*, 27 de agosto de 1867.

A LUGA-SE uma sala mobiliada, com alcova e tres janellas de sacada; na rua da Alfandega n. 123.

Figura 40. *Jornal do Commercio*, 30 de agosto de 1867.

ANEXO XI

MUDEZAS.

123 Rua da Alfandega 123

Rendas de crochê a 800 rs., 1\$, 1\$200, 1\$400, 1\$500, 1\$600, 1\$800 2\$, 2\$500, 3\$, 3\$200 e 4\$; peça com dez varas, e em cartão inteiro com grande diferença; ditas valencienas a 500, 600, 800 e 1\$; peça com dez varas, e em cartão a 50 rs. a jarda; ditas imitando do linho a 600 rs. a jarda, em cartão e as peças a 700, 800, 1\$ e 1\$200; entremeses de crivo a 2\$ a peça; camisetinhas com mangas bordadas a 36\$ a dúzia; saias-balão em mousseline a 4\$ 4\$500 e 5\$; aço para as mesmas a 3\$500, 3\$800 e 4\$ a peça com 40 varas; gravatas pretas de seda, a 8\$500 a dúzia; novellos do cartão do linho para colchetes de senhora com 92 varas, a 2\$200; sabonete de figura com moeda de ouro, a 3\$ a dúzia; ditas de coração com anjinho, a 4\$ a dúzia; ditas ditas com pombinhos, 5\$200 a dúzia; ditas flegindo peixe, a 1\$400 a dúzia; ditas transparentes, a 4\$, 5\$ e 7\$ a dúzia; ditas de Windsor, a 1\$ e 1\$200 a libra, em pacotes de tres; ditas em barra, a 10\$ a dúzia; extrato de frangipani, a 8\$ a dúzia; p. made renovater, a 6\$ a dúzia; dita pequena, a 2\$ a dúzia; botões brancos de jaspe, a 70 rs a grossa; cordões para viola, a 160 rs. a dúzia, cordão imperial a 250 o maço; dito legex a 200 rs. o maço; phosphorus de cera de 250 a 2\$ a dúzia; lapis de pào a 1\$200, 2\$500, 2\$800 a grossa; botões de jaspe com orla de cores a 300 rs. a dúzia; galões brancos de algodão a 500 700, 800 rs. a peça; botões brancos de algodão para enfite a 1\$ a grossa; agulhas portuguesas a 1\$, e milheiro; ditas em coixinha a 1\$200 o milheiro; fita pret para dibrom a 1\$ a peça; toucas de moiré para criança a 700 rs. a dúzia; linha de cartão de 200 jardas a 10\$200 a grossa; abotoaduras para panho a 600 rs., 2\$, 3\$, 4\$ e 6\$ a dúzia; retort preto, azul e de cores, a 12\$ a libra; pentes para trança, dúzia 8\$, ditas inferiores, a 1\$500 a dúzia; cull-tos à preguiçosa, a 4\$ e 4\$500 cada um; agoa de colônia legitima das flores, a 6\$500 a dúzia; dita à imitação a 4\$ a dúzia; dita de diversas quantidades, a 2\$800, 5\$, 5\$500, 6\$800, 7\$500, 10\$ 18\$, 24\$ e 30\$ a dúzia; óleo de laboca, a 4\$ a dúzia; bonecas que chorão de 3\$500 a 14\$ a dúzia; sopelinhos bordados para lactando, a 14\$ a dúzia; toucas enfeitadas, a 15\$ a dúzia; alfinetes, a 2\$ e 2\$200 o maço; ditas ordinarios, a 1\$600 o maço; pentes para alisar, a 2\$400, 2\$600, 2\$800, 3\$ e 3\$200 a dúzia; travessas de goma e astica, a 4\$ a dúzia; fitas de setim de n. 1 a 6 a 200, 300, 400 600, 900 e 1\$200 a peça; dedões finos a 1\$800 e 2\$200 a grossa; ditas de aço, a 2\$200 a grossa; lamparinas superiores, a 840 rs.; agulheiros de pau, a 1\$000 a grossa; canetas, a 1\$300 a grossa; e rias de lizas douradas e de pedras, a 1\$ cada uma; catação de côa a 2\$800 a grossa a 500 rs. a peça; meias riscadas para criança a 1\$600, 2\$, 2\$200 e 2\$400 a dúzia; trança de lã preta e de côas a 1\$200 a peça com 22 varas; grampos encadeados a 600 rs. a libra linha de marcar encarnada, azul e de cores a 200 rs.; coixinha com 16 novellos; pulseiras de cores a 16\$, 18\$, 20\$ e 22\$ a dúzia; cartas finas a 2\$000 e 3\$200 a dúzia; ditas douradas com fivela a 18\$ a dúzia e 2\$ cada um, e muitos outros artigos pertencentes a este ramo de negocio, os quaes se vendem por atacado e a varejo, com grande differença em preços, de qualquer outra parte como á vista polemos certificar aos Srs. mascates e negociantes de fóra que nos honrarem com a sua concorrência, no armazem de

BASTOSE VASCON ELLOS

123 RUA DA ALFANDEGA 123

Figura 41. *Correio Mercantil*, 24 de janeiro de 1862.

ANNUNCIOS.

NORAT IRMÃOS

mudarão-se da rua da Alfandega n. 123, para a do Cano n. 78.

Figura 42. *Jornal do Commercio*, 16 de outubro de 1857.

SABBADO 9 DO CORRENTE.
A'S 10 1/2 HORAS DA MANHÃ

123 RUA DA ALFANDEGA 123
(Colchoaria e armação)

LEILÃO

de uma casa de colchoaria bem sortida de colchões de diversas larguras, de painas, cabelo e palha, travesseiros idem, camas e marquezas para solteiros e casados, ditas de ferro, lavatorios, berços, cortinados e cupolas, fronhas, cobertas, diversas fazendas, armação, etc.

Figura 43. *Diário de Rio de Janeiro*, 9 de junho de 1860.

MADE MECHANICA

plantas e tudo mais que for preciso; na praça da Lapa n. 2, do lado do Passeio Publico.

OLHE PAPAI

Eu preciso de um vestido de linho para sair, e estão annunciados a 12\$000 na casa da Minerva á rua da Alfandega n. 123. Eu vi o que a prima lá comprou e é muito rico, vale bem 25\$000, por isso o papai vá comprar hoje senão podem acabar-se, sim / não se esqueça papai, é na casa da Minerva.

a 8\$ e 10\$
15\$, 20\$ e 30\$
95 RU
PROX
Perdoo
cio ou per
gal-o á
zom.

PRACA DE TOURCO

RUA DO MARQUEZ DE ABE

Figura 44. *Gazeta de Notícias*, 26 de julho de 1877.

PRECISA-SE de um official ou de um aprendiz de alfaiate, com pratica de obra grande, para trabalhar de mez; na rua da Alfandega n. 123, sótão.

Figura 45. *Jornal do Commercio*, 7 de abril de 1873.

ANEXO XIII

126

Numeros		Proprietarios	Pavimentos	Observações
NOVO	VELHO			
99	105	Polucena Laura de Campos.....	T.	Desaparece por ser o n. 142 da rua da Uruguayana. Perderá os ns. 117 e 119 da rua da Uruguayana.
101	107	Luiz Antonio da Silva Soares.....	T.	
103	109	Anna Laura de Araujo Cezar.....	T.	
105	111	Agostinho Maria Correia de Sá.....	2 S.	
107	113	Joao Vieira da Costa.....	T.	
109	115	Araujo & Coelho.....	S.	
111	117	Francisco José Ferreira.....	S.	
113	119	Maria Carolina da Rocha Vieira.....	S.	
115	121	Manoel Francisco dos Santos Deveza.....	S.	
117	123	Idem.....	S.	
119	125	Idem.....	S.	
—	127	João da Silva Lima.....	—	
121	129	Antonio José Coelho da Rocha Sobrinho...	T.	
123	131	Thomaz Antonio de Araujo Lobo.....	S.	
125	133	José Baptista Lopes.....	S.	
127	135	Antonio Mendes de Oliveira Lobo e outros.	S.	
139	137	Marcolina F. de Figueiredo Neves.....	T.	

Figura 46. Fragmento da Nova numeração dos prédios da cidade do Rio de Janeiro, em sua segunda e definitiva edição de 1878, acerca de trecho da Rua da Alfândega.

ANEXO XIV

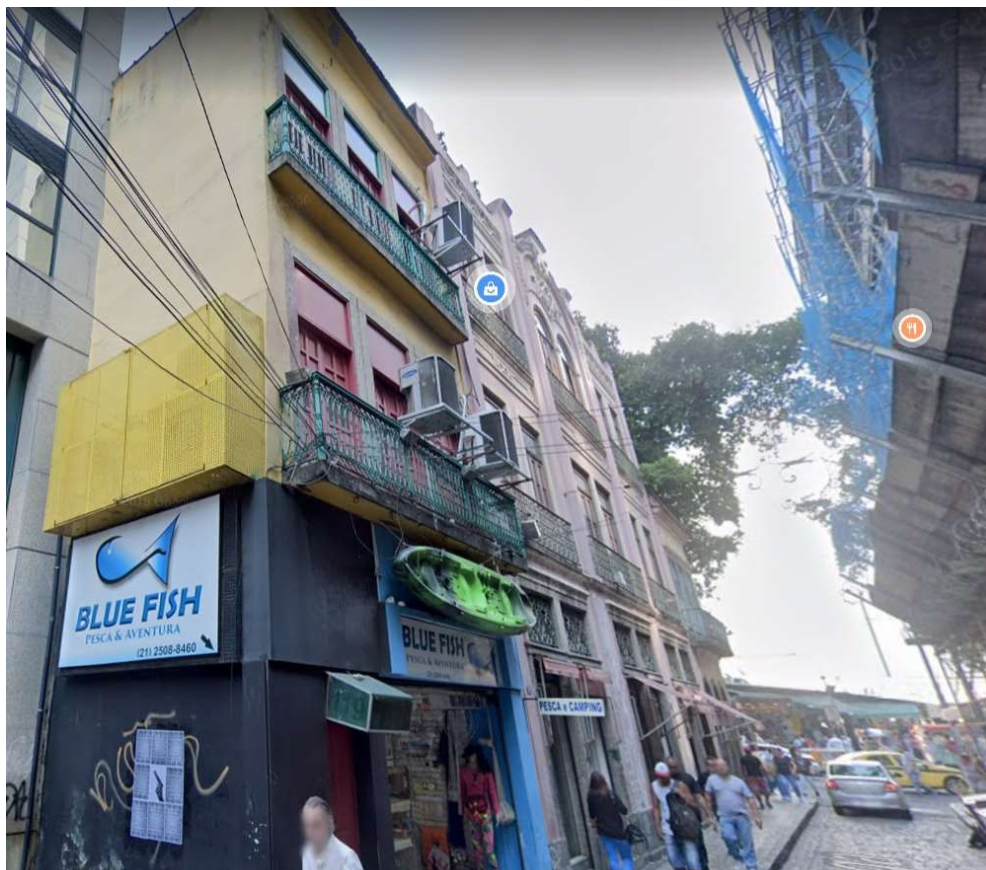


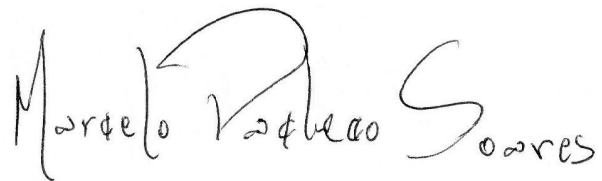
Figura 46. Imagem retirada do aplicativo Google Maps, com o estado atual do trecho da Rua da Alfândega referido nesse estudo.

DECLARAÇÃO DE CONFLITOS DE INTERESSE

Eu, Marcelo Pacheco Soares, autor do manuscrito intitulado “Rua da Alfândega 123: um esquecido endereço domiciliar de Machado de Assis?”, declaro que não possuo conflito de interesse de ordem:

- financeiro,
- comercial,
- político,
- acadêmico e,
- pessoal.

Rio de Janeiro, 23 de março de 2021.



Marcelo Pacheco Soares